

FGV vai considerar o compulsório no seu cálculo de inflação 335

RIO
AGÊNCIA ESTADO

A Fundação Getúlio Vargas não aceita a argumentação do governo de que os empréstimos compulsórios não representam aumento de preços e vai incorporá-los ao cálculo dos índices divulgados mensalmente pela instituição. A informação foi dada ontem pelo chefe do Centro de Estatísticas da FGV, Marcos Ferreira de Souza.

Segundo ele, o empréstimo compulsório sobre os combustíveis será lançado no Índice Geral de Preços. "Tenha o nome que tiver, se empréstimo compulsório ou qualquer outra coisa, não importa muito. O fato é que ele significa na prática uma perda de renda disponível do consumidor", disse Marcos de Souza.

Ele esclareceu também que o lançamento do compulsório dos combustíveis terá pequena repercussão sobre o IGP, porque a ponderação desses combustíveis é reduzida — apenas 1,31 em julho — pelo fato de o índice referir-se a um universo restrito de consumidores, ou seja, pessoas com renda de até cinco salários mínimos, ou Cz\$ 4 mil.

Quanto ao compulsório sobre carros usados, a FGV ainda está

aguardando uma definição do governo sobre onde será feita a cobrança oficial do empréstimo — se for em nível de fábrica para concessionária, essa variação será lançada no Índice de Preços por Atacado, um dos componentes do IGP. Se for em nível de varejo para consumidor, não haverá como aplicá-lo ao índice, pois a FGV considera que o movimento de compras de veículos na faixa de até cinco SM é praticamente nulo. Mas essas limitações poderão ser superadas até o final do ano, pois está em andamento a reformulação e ampliação do universo de renda abrangido pelos índices da instituição.

IBGE

Segundo informações do IBGE, o governo não quer incorporar o empréstimo compulsório ao IPC, que mede a inflação, para evitar um adicional de 0,8% ao crescimento dos preços.

O peso do preço da gasolina no IPC é de 3%, mas o álcool não faz parte do índice, por enquanto. E o empréstimo compulsório sobre a compra de carros também não será repassado ao IPC, embora sua ponderação, no caso dos usados, tenha sido de até 4,5% no índice, durante os últimos meses.